



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO


Veículo: Painei

Data: Maio 2006 nº 51

Caderno/Link: Pág. 4, 5 e 6

Assunto: "O Brasil vai ser o celeiro do mundo"

entrevista José Roberto Postalli Parra



Diretor da Esalq elogia desenvolvimento científico e defende respeito ao meio ambiente

O Brasil vai ser o celeiro do mundo

EVELYN ARARIPE

Era uma tarde bastante conturbada. Piracicaba, assim como todo o Estado de São Paulo era vítima de uma onda de violência e enfrentava o medo devido aos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC). A cidade estava silenciosa, as ruas vazias e a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", a Esalq/USP começava a encerrar as aulas e pedir para que alunos e funcionários retornassem às suas casas. Apesar disso tudo, no último andar do prédio central da Escola, o professor José Roberto Postalli Parra abria o seu gabinete para receber os editores assistentes e de fotografia da Painel. Parra é o atual diretor e professor titular do Departamento de Entomologia, Fitopatologia e Zoologia Agrícola da da Esalq/USP. Pesquisa e desenvolvimento, biotecnologia, biocombustível, cana de açúcar, reforma agrária, e é claro, a Esalq, são alguns dos temas tratados durante o encontro.

★

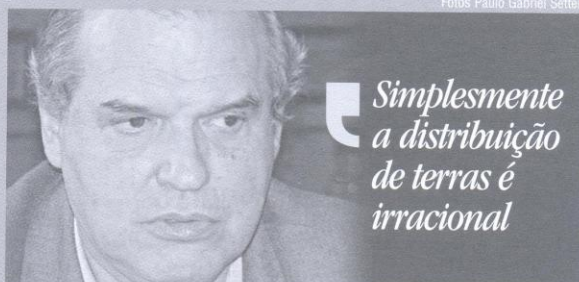
Qual a importância das pesquisas científicas para o desenvolvimento do setor agrícola?

Eu diria que o Brasil hoje detém uma tecnologia para a agricultura tropical. Isso é muito importante porque no passado nós usávamos uma tecnologia advinda de países de clima temperado. E logicamente que muitas vezes não dava certo. Foi o que aconteceu mais especificamente com a soja. A soja começou no Rio Grande do Sul, uma região mais fria. Adotou-se uma

tecnologia de clima temperado e depois quando se pretendeu transferir a soja pra outras regiões, é claro que não deu certo. Então houve a necessidade do desenvolvimento de uma tecnologia, variedades que fossem adaptadas às regiões diferentes do Brasil, com diferentes condições climáticas, de tal forma que a gente pudesse evoluir. Isso aconteceu e é fruto de um trabalho nesses últimos quarenta anos, vamos assim dizer, em que nós conseguimos desenvolver realmente uma agricultura tropical, frutos da formação de competência de massa crítica, na área de pós-graduação especialmen-

A agricultura tropical é na verdade em função do próprio clima. Então, por exemplo, há a necessidade de se ter, porque as nossas condições climáticas são completamente diferentes do clima temperado. Lá você tem um inverno rigoroso, começam a encurtar os dias, depois as temperaturas baixam, depois vem um verão bem quente... Aqui as condições climáticas são completamente diferentes. Nós temos períodos de seca, períodos de chuva, e há a necessidade de se desenvolver variedades, por exemplo, que tenham características de resistência à seca, que se desenvolvam melhor numa determi-

Fotos Paulo Gabriel Setten



Simplesmente a distribuição de terras é irracional

na condição de temperatura mais alta, num determinado fotoperíodo, de horas de luz diferentes, assim por diante. Isso implica em desenvolvimento em diversas áreas, desde genética, na qual nós evoluímos muito, com o desenvolvimento de variedades, a parte alternativa de controle de pragas e doenças, e alternativas biológicas por exemplo. Desenvolveu-se muito aqui entre nós o próprio agronegócio em si. Desenvolveu-se muito a parte de agricultura de precisão, as questões ambientais foram muito discutidas. Enfim, esse conjunto de coisas que fez com que nós chegássemos a um estágio bastante grande. Isso é tanto verdade que houve esse avanço tão significativo que nos últimos anos nós conseguimos aumentar significativamente a nossa produção, por exemplo, de grãos. Nós ultrapassamos a barreira dos 100 milhões de toneladas há poucos anos e isso se deveu a esses avan-

Quais são as principais características desta agricultura tropical?

cos, mas, sobretudo nós conseguimos esse incremento de produção sem aumentar muito a área cultivada. Então foi graças ao aumento de tecnologia que nós conseguimos incrementar a produção sem que houvesse um aumento proporcional de área plantada.

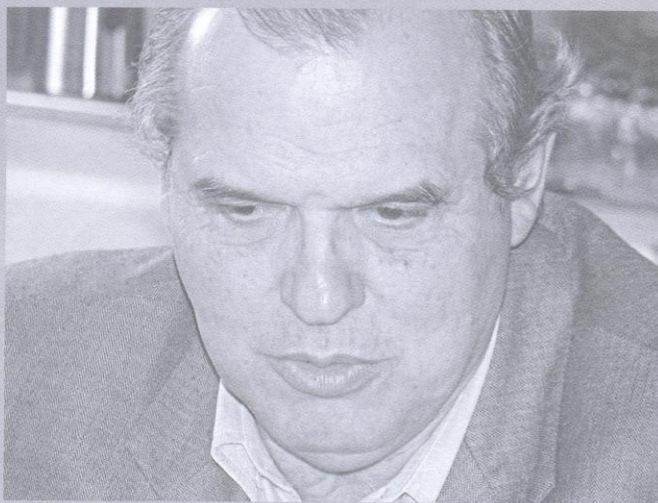
E como o senhor vê define o papel da Esalq nesse avanço?

A Esalq foi muito importante. Desde o início ela sempre teve como característica o estudo de fatores ligados à agricultura e desde a década de 50, 60, teve um papel preponderante. No passado não se usava, não era costume no Brasil comer muitas verduras e o aumento do melhoramento genético, incremento, o desenvolvimento do melhoramento genético em hortaliças, pelo professor Marsílio Dias, que foi um professor aqui da Esalq, mudou o hábito da população do Estado de São Paulo e do Brasil posteriormente. A Esalq sempre esteve à frente nas questões relacionadas à pesquisas da agricultura, mas sobretudo no passado, as pesquisas eram realizadas principalmente por institutos de pesquisa. E depois, a partir da década de 60 mudou este perfil, porque as pesquisas passaram, à semelhança dos Estados Unidos, porque nós copiamos o modelo americano de pós-graduação, a ser realizadas especialmente nas universidades. Então houve este grande aumento a partir da década de 60 com a criação dos cursos de pós-graduação.

Hoje se discute muito as questões de biotecnologia, melhoramento genético e algumas pessoas são contra e outras a favor. Como o senhor avalia este desenvolvimento genético e estas pesquisas voltadas para o melhoramento genético?

Eu considero que a biotecnologia, a biologia molecular, é um grande

avanço da ciência e como todo avanço ela encontra algumas restrições, principalmente no início. Ela encontra realmente opositores. Uns são favoráveis, outros são contra, uns são mais radicais outros são menos radicais. Mas sem dúvida alguma hoje a biotecnologia faz parte do nosso dia-a-dia e nós comemos muitos alimentos transformados geneticamente. O importante é que haja um acompanhamento visando saber se estes produtos são ou não prejudiciais à saúde. A luz dos conhecimentos atuais, aparentemente os produtos que estão aí, não são prejudiciais à saúde, mas na minha opinião isto é uma coisa



Eu considero que a biotecnologia, a biologia molecular, é um grande avanço da ciência

irreversível e nós deveremos caminhar cada vez mais para esta área de estudos, logicamente visando o bem da humanidade. Hoje como nós temos uma preocupação muito grande com o meio ambiente, as plantas transgênicas diminuem a aplicação de produtos químicos e fazem com que nós nos sintamos mais seguros sem estes produtos.

E quanto ao meio ambiente? Porque se critica muito que a atividade agrícola vem há anos prejudicando o meio ambiente?

É lógico que isso tem que andar lado a lado. Eu acho que a grande vantagem do Brasil em relação a outros países, especialmente os países de clima tropical, é que nós temos uma tecnologia de uma agricultura tropical, então a nossa agricultura será desenvolvida com pesquisas desenvolvidas nas nossas condições. Existem restrições à utilização, alguns padrões ambientais que devem ser respeitados. Agora isso pode ser perfeitamente compatibilizado. Nós somos contra a desobediência dessas regras ambientais, mas logicamente que existem aqueles que são drasticamente contra, outros que são a favor. Eu acho que há a necessidade de nós compatibilizarmos isso daí, estarmos no meio termo, e sem prejudicar o meio ambiente nós podemos aumentar a produção, pois existem áreas para isso. E aqui cabe uma ressalva: quando se fala em Esalq, costuma-se pensar em agricultura. A Esalq mudou, hoje ela é uma outra coisa, pois ela tem agricultura, floresta, ciências econômicas com ênfase no agro-negócio, gestão ambiental, ciências dos alimentos e ciências biológicas. Então, hoje ela é uma escola que lida com agricultura, com o agro-negócio, mas lida também com problemas ambientais de uma forma séria e lida com a economia aplicada.

O senhor fala que o Brasil tem terras, que a Esalq tem preocupação com a economia, com as questões ambientais e sociais. Como o senhor vê agora a questão do biocombustível, considerando que a Esalq está com um pólo de pesquisa?

Foi instalado aqui, em 2004 pelo presidente da República, um Pólo Nacional de Biocombustíveis, e também existe um sentimento nacional de que o Brasil será a grande fonte de energia renovável deste século. A Esalq tem